

Em meio às Sombras: Quando O Amor Se Torna Mortal (Portuguese Edition)

Pages: 156

Format: pdf, epub

Language: Portuguese

[DOWNLOAD FULL EBOOK PDF]

Direitos autorais © 2017 L. SYMONE & JÉSSICA DRIELY

Revisão: Janice Diniz

Capa: Dri K. K. - Capista

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

Esta é uma obra de ficção qualquer semelhança, com nomes, pessoas, locais ou fatos, será mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento por escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610/98 e punido conforme artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Prólogo

Olho novamente para a garota de cabelos amendoados enquanto ela bebe a sua xícara de café. Se soubesse que eu a observo quase todos os dias, não se sentiria tão tranquila assim. O relógio marca 23 horas, e eu me pego imaginando por que ela fica aqui todos os dias até tarde. Penso em me aproximar para tentar algum contato nem que seja ao menos uma troca de olhar. Sei que isso é errado, no entanto, essa vontade é mais forte que eu mesmo. Porém, assim que dou o primeiro passo, escuto:

— Devemos partir, as criaturas começaram a perder o controle. — Eros comenta, a voz grave.

— Não sei por que permito que esses imbecis saiam do portal. Eles não sabem se comportar. — esbravejo.

— Eu te entendo, mas não podemos permitir que surjam boatos que façam os humanos ficarem curiosos.

Eros, como sempre, se impõe, colocando ordem na minha cabeça, que, às vezes, fica um tanto confusa.

— Vamos embora! Se eles fizerem mais besteiras, terei de matá-los com as minhas próprias mãos.

Volto a admirar a garota de cabelos amendoados e, endereçando-lhe uma última olhada, parto a fim de pôr ordem nos seres que não deviam ter saído do portal justamente por não saberem se comportar.

Caminho então decidido, o ódio fervendo dentro do peito, eles estragaram o meu momento de observar a humana mais linda que já vi na minha vida... ou morte, como preferirem considerar. Agora, sentirão a fúria de Kailan, o príncipe de Kathus, da legião de vampiros do Sul.

Cansei de ser bonzinho!

A escuridão de Kathus parece que vai me sufocar a qualquer momento e, em meio a tantos problemas, não sei mais o que pensar. Estou sendo afrontado dentro do meu próprio reino, mas isso não ficará assim. Colocarei meus planos em prática o mais rápido possível, Magnus e o seu clã saberão que mexeram com o vampiro errado.

— Senhor, precisamos sair para caçar. — informa-me Eros, o meu guarda mais fiel e competente.

— Caçamos ontem. — digo o óbvio, voltando minha atenção para ele.

— Alguns novatos estão com dificuldades de se sentirem satisfeitos.

Desde os nossos antepassados, o reino de Kathus tem por característica sua cadeia alimentar, que consiste em se alimentar de sangue humano.

Para que uma mutação ocorra perfeitamente é necessário que esse vampiro se alimente desse tipo de sangue constantemente. Depois de algumas semanas, quando estão mais adeptos, não precisam mais se alimentar todos os dias.

Durante esse período, somos obrigados, ainda que contra a minha vontade, a sair do portal com mais frequência do que o habitual para caçar. É assim que procuramos por presas fáceis, que estejam cometendo algum ato ruim contra sua sociedade, em poucas palavras, nossas presas se resumem a assassinos, estupradores e qualquer outro tipo de humano que cometa crimes hediondos.

Isso não nos faz os bonzinhos, apenas seletos.

— Você sabe muito bem que não podemos sair pelo portal toda hora.

— Sim, senhor, porém os novatos...

— Eu já ouvi Eros. — respondo, irritado.

O portal para passar para o mundo dos humanos não é vigiado, meus vampiros obedecem às regras e as seguem. No entanto, na última saída com os vampiros recém convertidos, Eros deixou que um novato cometesse um erro.

Para um humano se tornar vampiro é necessário apenas uma mordida, nada mais do que isso. Mas para que a mutação não ocorra, o sangue do humano precisa ser drenado completamente do corpo, assim, ele morre sem se transformar. Entretanto, um novato cometeu o erro de não drenar completamente o sangue de sua presa, que começou a sofrer a mutação alguns segundos após a mordida inicial.

— Sinto muito pelo meu erro senhor. — diz Eros, a voz num tom baixo.

Transformar humanos em vampiros não faz parte do reino de Kathus, preferimos manter a linhagem original. Mas, quando isso acontece, o recém convertido se torna servo do vampiro que o transformou. Temos poucos transmutados em meu reino, e saber que um ladrão agora faz parte dele me deixa muito irritado.

— Ele agora é sua responsabilidade, Eros.

— Sim, senhor.

— Eu poderia deixar o novato morrer de fome, mas preciso sair daqui o mais rápido possível, e essa é uma ótima oportunidade.

Enquanto caminho para o portal, os meus pensamentos se voltam para o clã de Magnus. Em Kathus, há somente um príncipe, que sou eu. Porém, existem famílias da linhagem real, que sabem qual é o seu lugar. Magnus, meu primo, no entanto, parece querer me desafiar, quer acabar com tudo o que foi construído por nossos antepassados e, com isso, tomar para si o meu reino.

Ele não me disse isso, mas tenho servos leais que me informam o que preciso. Saber que minha própria família pretende me trair, faz meu sangue ferver.

Meses atrás, quando meus pais, o rei e a rainha de Kathus, decidiram se afastar do reinado, Magnus me procurou com a oferta de cuidarmos do reino, mas a decisão dos meus pais já estava tomada: eu, príncipe Kailan, governaria o reino de Kathus.

— Aperite! — diz Eros, quando paramos em frente ao portal.

O portal é a nossa porta de entrada para o mundo dos humanos e podemos levá-la para onde quisermos. Quando os meus pais me passaram o reino, a minha primeira atitude foi transferir o portal para a cidade de Agostinho. Uma cidade charmosa, mas com um alto índice de crimes. Quanto mais criminosos, menos as autoridades humanas desconfiam de algo sobrenatural. Apesar de achar que eles nunca acreditariam que existe realmente um mundo sobrenatural.

— Você, — atravesso o portal e chamo o novato que me olha amedrontado. Covarde. — Não cometa erros ou cravo uma estaca em seu peito e arranco sua cabeça só para decorar a minha sala.

Ele arregala os olhos, mas não diz nada.

Os motivos que me fazem sair, hoje, pelo portal não são pelos novatos. Dias atrás, quando estivemos aqui para caçar com o mesmo grupo, encontrei uma linda humana.

No momento em que a vi, quis torná-la minha presa. Por longos dias, a observei, procurando qualquer brecha que ela me desse para beber do seu sangue. Mas descobri que a humana é apenas uma mulher normal, sem erros.

Desde então, ela não sai dos meus pensamentos, não sei explicar se foi a sua beleza que me encantou ou o doce odor do seu sangue. O que sei é que ela me fascinou. Eu não teria vindo aqui por outro motivo que não fosse por aquela garota. Ontem, enfim, tive a oportunidade de me aproximar dela, simulando um esbarro.

Charlotte, um lindo nome. Apresentei-me e, quando ela me olhou, os seus batimentos cardíacos perigosamente aumentaram.

Fiquei fascinado.

Saio dos meus devaneios e me volto para Eros:

— Sem erros dessa vez. — aviso-o, antes de deixá-lo sozinho sem lhe dar explicações.

Se os humanos são tão previsíveis como imagino, Charlotte estará no mesmo lugar onde ontem a encontrei. Um sorriso surge em meu rosto quando noto que estou certo, porém, ele desaparece quando ela vira o seu rosto em minha direção e vejo uma marca arroxeadada debaixo dos seus olhos. A fúria me consome de tal forma que só vejo vermelho-fogo à minha frente.

Capítulo 2

Charlotte

Caminho pela calçada pensando nos trabalhos acumulados da faculdade, até tentei levar minha vida normalmente depois da morte da minha mãe, mas não consegui. Passei vários dias num estado deplorável, ainda mais por que a morte dela aconteceu de um modo trágico e meio inexplicável. Sei que o carro capotou, e no laudo consta que ela morreu no momento do acidente, mas também diz que seu corpo estava sem sangue. O que é muito estranho, mas os médicos não informaram mais nada e a polícia não fez seu trabalho como deveria. Ela foi encontrada cheia de mordidas, mas não se sabe de onde vieram essas marcas. Eu sempre quis descobrir alguma pista relacionada a essas mordidas, entretanto, os policiais nunca descobriram o que realmente aconteceu e resolveram, por fim, arquivar o caso.

Agora, após seis meses da sua morte, ainda não consigo me sentir bem. Todo dia fico até tarde na cafeteria que ela amava e sinto como se mamãe ainda estivesse pertinho de mim. Meu irmão odeia essa minha rotina, não entende que ela era a minha única amiga, nem ele se importa comigo como ela se importava. Eu sei que ele pode amá-la tanto quanto eu, isso é verdade, a questão é que a forma de demonstrar o seu luto é diferente do meu. Danilo se embreda todas as noites, e esse é mais um motivo que me faz ficar até tarde no café. Ele se tornou muito agressivo depois da morte de mamãe, e eu tenho medo que possa me machucar enquanto estiver bêbado.

Chego à faculdade e me encaminho para a sala de aula. O meu sonho era ser veterinária. Agora, contudo, depois de toda essa tragédia, a vontade que tenho é a de não fazer mais nada na vida. Estudo por obrigação, pois não me sinto bem nesse ambiente como antes.

Perdida nos meus pensamentos, olhando pela janela, ouço alguém me chamar.

— Charlotte, eu te fiz uma pergunta. — diz o professor Edmundo.

Fico olhando-o, não tenho a mínima ideia de qual era a pergunta. Ele então me devolve o olhar com certa irritação, e eu só penso em mandá-lo para o raio que o parta.

— Se você vem para a sala para não prestar atenção, poderia ficar do lado de fora.

Encaro-o com raiva e ouço os meus colegas rirem, parecem um bando de idiotas. E isso é a gota d'água que precisava para transbordar a minha paciência.

— Você está certo, professor, eu nem devia ter vindo. Odeio tudo isso, vou sair enquanto é

tempo, principalmente, por que não quero mais ver essa sua cara azeda.

Todos caem na gargalhada, mas não ligo, saio da sala sem esperar a sua resposta.

□

Minha vida se resume a estudar pela manhã, trabalhar à tarde na biblioteca da faculdade e, à noite, ir para a cafeteria e ficar por lá até quando me entedio. Depois, volto para casa, entro escondida para Danilo não me ver e vou para o meu quarto.

Eu era feliz, tinha uma vida boa. Mas isso ficou no passado, só queria uma mudança radical para ser feliz novamente. Queria mesmo era amar e ser amada.

Saio da biblioteca após um dia cansativo e me encaminho para o café. Quando chego, Sabrina, a garçonete, já sorri informando que trará o de sempre.

Pela primeira vez depois de meses, olho pela vidraça, observo as pessoas passarem apressadas para suas casas. A cidade de Agostinho é conhecida pela agitação dos seus moradores. Percebo então que já anoiteceu e nem tinha notado. Olho para o parque que fica em frente à cafeteria, tudo me fascina naquela escuridão aterrorizante. Como um lugar tão macabro pode me atrair tanto? Mas ainda que me sinta tão atraída, não tenho coragem suficiente para ir até lá. Afinal, o que mais tenho é bom senso.

Pelo menos, era isso que eu pensava.

□

Pago a conta do café e saio. O relógio marca onze e meia da noite, eu devia ter medo de ficar até tão tarde na rua, mas nada disso me amedronta. Se algo de ruim acontecer comigo, só estará me poupando de todo esse sofrimento. Caminho sentindo bater no meu rosto a leve brisa do ar. Fecho os olhos por um segundo, sentindo a sensação de liberdade. Queria ser capaz de sentir isso todos os dias, porém, sei que é impossível.

Como sempre sou desastrada, esbarro em alguém que está a minha frente e os meus materiais caem todos no chão. A minha primeira reação é olhar para o rapaz no qual bati de frente e noto que ele está com os olhos fixos em mim. A vontade é de repreendê-lo por não prestar atenção por onde anda, no entanto, não consigo. A minha voz fica presa na garganta ao ver como ele é bonito. Ele é alto, os cabelos negros em um corte bagunçado, olhos fascinantes que me encaram com tamanho... Não sei explicar o que se passa no olhar dele, mas posso perceber que expressam um certo desejo.

— Sinto muito. — diz ele, o tom da voz é rouco. Um arrepio percorre a minha coluna.

— Não tem problema, a culpa foi minha por não prestar atenção por onde ando. — digo, abaixando-me para pegar os materiais.

Ele também se abaixa e me ajuda a recolhê-los.

— Obrigada, preciso ir. — endereço-lhe um pequeno sorriso e começo a me afastar.

Antes que eu consiga dar três passos, ele pergunta:

— Espera! Eu poderia saber o seu nome?

Viro-me para ele e encaro aqueles olhos maravilhosos. Dou um pequeno sorriso e ele o retribui. Se existe perfeição, essa perfeição está no sorriso do rapaz que ainda não sei o nome, mas pretendo descobrir nesse exato momento.

— Charlotte. — respondo e lhe estendo a mão.

Rapidamente, ele me cumprimenta, sinto sua pele fria, mas as pessoas de Agostinho costumam ser um pouco frias, afinal, aqui é um gelo.

— E o seu? — pergunto, curiosa. Nunca vi tamanha beleza desfilando pelas ruas de uma cidade pacata como Agostinho.

— Kailan. É um prazer conhecê-la.

Não sei por que, mas sinto um arrepio muito mais forte ao escutar o seu nome, que é incomum na região. Noto uma entonação de poder vinda dele, embora ainda não saiba explicar como é esse poder.

De repente, tudo que estou sentindo acaba, pois ele larga rapidamente a minha mão.

— Preciso ir. Até mais.

Ele sai sem dar nenhuma explicação.

Observo-o enquanto caminha para a escuridão em direção ao parque, surge em meus corpo um desejo imenso de segui-lo, mas não o deixo que tome conta da minha mente, balanço a cabeça e caminho de volta para casa. Kailan foi só um rapaz bonito que surgiu em meu caminho, penso comigo, nada mais além disso.

Mais tarde, eu saberia o quanto fui tola por acreditar em tamanha mentira!

□

Chego em casa ainda sentindo a estranha sensação do encontro com Kailan, o seu nome me veio à mente o caminho todo e aqueles olhos penetrantes não saem de jeito nenhum dos meus pensamentos.

Abro a porta e a agradável sensação que sentia após o encontro evapora. Danilo está com mais dois caras bebendo e cheirando pó em nossa sala.

— Danilo, que merda você está fazendo? — grito, e eles se assustam. Danilo me olha furioso, mas eu não me intimido e, irritada, acrescento: — Saiam da minha casa antes que eu chame a polícia, seus vagabundos! — Danilo rapidamente se levanta e me pega pelo braço.

— Me larga!

— Vou te ensinar como você deve tratar os meus amigos! — dizendo isso, ele me puxa pelo braço com força, levando-me para o meu quarto. Escuto as risadas dos garotos que ficaram na sala e o ódio cresce dentro de mim.

— Me larga, Danilo, você está me machucando!

Ele abre a porta e me joga no chão. Machuco meu joelho com a queda e meus olhos se enchem de

lágrimas.

— Não me trate assim nunca mais! Eu mando aqui e farei o que quiser, na hora que eu quiser e com quem for. Entendeu?

— É assim que você quer esquecer a morte da mamãe, se drogando, se embebedando e tudo mais? É assim, seu idiota? — grito, levantando-me do chão e, em seguida, esmurro-o.

— Você não abra essa boca para me dar lição de moral! Você não é ninguém, Charlotte! Eu te odeio! Quem devia ter morrido era você! Desde o seu nascimento, sempre foi a filhinha querida da mamãe e, agora que ela morreu, você se acha no direito de tomar conta da porra da minha vida?!

Sinto uma dor no peito por ouvir Danilo me dizendo essas coisas. Nunca quis toda a atenção de mamãe, o carinho sempre foi dividido em partes iguais. Ele é um grande ciumento idiota, isso sim.

— Ela sempre nos amou da mesma forma, larga de ser babaca, você está levando a sua dor para um lado diferente. Quer me culpar, mas eu não tenho culpa imbe...

Não consigo terminar de falar, pois Danilo me dá um tapa no rosto, derrubando-me no chão. Dói onde sua mão me bateu e eu não sei como reagir, as lágrimas vertem por tamanha humilhação. Encaro esse ser que diz ser meu irmão, e ele me olha, atônito. Só consigo sentir nojo dele. Algumas pessoas acreditam que, no momento do luto, pode se fazer o que quiser, mas isso não é verdade.

Ele quis me dar esse tapa, a sua expressão de pessoa arrependida não me convence.

Levanto-me, caminho para a porta do quarto e declaro com firmeza:

— Sai daqui e nunca mais me dirija a palavra.

— Charlotte, eu...

— Sai daqui! Quem te odeia agora sou eu! — grito.

Danilo baixa a cabeça e caminha para fora do quarto, tranco a porta e deito na cama. Permito-me chorar por horas. Nem sei quando dormi, contudo, lembro que tive um sonho que me perturbou. Nele, eu via um par de olhos intrigantes, me encarando ferozmente.

Acordo, e já é dia. Hoje não irei à aula, pois estou pensando seriamente em largar esse curso. Preciso me dedicar a novos projetos e neles não incluem estudar. Na verdade, eu não sei quais serão meus novos projetos, no entanto, o meu coração diz que preciso seguir um caminho diferente e, pela primeira vez, eu o escutarei.

Levanto-me e, ao me olhar no espelho, noto que o meu rosto está roxo, e o ódio que sinto do meu irmão aumenta. Passo uma maquiagem, mas não consigo esconder totalmente os hematomas. Saio de casa sem me importar com meu irmão, ele não merece que me preocupe, irei andar pela cidade até a hora de ir à biblioteca trabalhar, depois irei ao café, quem sabe eu não esbarre com os olhos que atormentaram meus sonhos a noite toda.

Capítulo 3

Kailan

Ao entrar na cafeteria os olhos da garota logo se encontram com os meus e as suas pupilas se dilatam. Esforço-me para parecer um ser humano, controlando-me para não alcançar em minha velocidade habitual.

— O que houve? — indago, assim que paro diante dela.

— Oi para você também. — diz ela, sarcástica, fitando-me com cara de quem está pouco se importando com a minha pergunta.

Se fosse eu no lugar dela teria a mesma reação, afinal, nem conheço a garota e já quero dominá-la.

— Perdoe a minha falta de educação. — digo, levando a minha mão ao peito num gesto de pesar.

— Foi apenas uma briga de irmãos. — explica ela.

— Ele machucou você? — pergunto, com mil pensamentos de como posso matá-lo lentamente.

Charlotte olha ao redor e cora.

— Estamos no meio do restaurante, você não quer se sentar?

Faço que sim com a cabeça e sento na cadeira diante dela.

— Responda-me, Charlotte, o seu irmão é mal com você?

— Ele não é mal, na verdade, sempre foi um bom irmão, mas depois que a nossa mãe morreu, ambos estamos perdidos, ele mais do que eu. Para falar a verdade, eu nem sei por que estou te contando isso, se nem ao menos te conheço. — ela responde depois de um longo suspiro.

— Ele já fez isso antes? — pergunto, ignorando a última parte de sua fala.

— Você é policial? — fala ela e, sorri, antes de completar: — Faz tantas perguntas.

— Me preocupo com você. — decido ser sincero.

— Mas você nem me conhece. — diz, dando de ombros.

— Sei que o seu nome é Charlotte e que está sofrendo. — falo e toco a sua mão que repousa sobre a mesa.

Ela parece se assustar mais uma vez com a minha pele fria, mas não comenta nada. Aproveito sua falta de reação e, ainda preocupado com a situação do seu irmão, insisto:

— Você precisa de ajuda?

— Obrigada, Kailan, mas é assunto de família.

— Entendo.

Observo, por alguns segundos, os seus lindos olhos pretos, grandes e cheios de vida, os cílios longos acrescentam um olhar angelical em tamanha beleza. Os cabelos amendoados criam um contraste com a pele branca que aparenta ser extremamente macia, eu poderia descrever suas curvas com perfeição após tocá-la, no entanto, me contenho a pensar que ela é linda, mas é o odor do seu sangue que me faz chegar à conclusão de que ela é perfeita, perfeita para um vampiro como eu.

Logo me imagino enterrando-me dentro dela enquanto sugo o seu sangue, só de pensar fico louco.

— Você está me assustando com esse olhar, Kailan. — diz Charlotte, me tirando dos meus devaneios.

— De que modo estou olhando para você, linda Charlotte? — meu tom sai mais sombrio do que eu pretendia e me recrimino.

— Como...

— Como uma presa? — respondo por ela.

Aos seus ouvidos pode soar como uma brincadeira, contudo, no meu mundo isso é completamente real.

Charlotte me excita, mexe com meus pensamentos, mas é o seu sangue que está gritando. Ela sorri e a veia em seu pescoço não me passa despercebida. Não sou um animal e, muito menos, um vampiro recém-criado. Consigo me controlar com perfeição, mas isso não significa que eu não deseje o sangue dessa linda mulher como nunca desejei algo em minha vida.

— Você vem sempre aqui? — indago, mudando o rumo dos meus pensamentos.

— Sim... — responde ela, fazendo uma pausa antes de completar: — Minha mãe sempre vinha aqui. Ela amava o café. Lembro-me de me dizer que o único lugar que salvava essa cidade fria e sem vida era a cafeteria. Por isso venho aqui, pois me sinto mais perto dela, da única amiga que eu tive.

— Sinto muito. Quer me falar como tudo aconteceu? — pergunto, procurando esconder a minha curiosidade.

— Eu devia te evitar, não sou de me abrir com desconhecidos, mas você me faz sentir bem, me faz confiar em você, sinto vontade de te contar tudo sobre minha vida.

Um estranho sentimento percorre meu corpo, nunca senti tal coisa, nem sei expressar o que é. Todos do meu reino confiam em mim, mas ouvir isso de uma humana muda completamente as coisas.

— Prometo que não conto nada a ninguém.

Ela abre um lindo sorriso e abaixa a cabeça para olhar as horas no relógio de pulso.

— Preciso ir, perdi a hora conversando com você. — diz ela, levantando-se. Eu também me levanto, não tenho motivos para ficar aqui se ela não estiver.

— Eu a acompanho.

Ela para, bruscamente, e me olha.

— Não precisa.

— Precisa, sim, está tarde e não a deixarei ir sozinha. Aqui, é perigoso, Charlotte, e você sabe.

— Ok, mas você é um desconhecido que também pode ser perigoso.

— Preciso de um voto de confiança. — tento convencê-la.

— Tudo bem. Acho melhor irmos pelas ruas mais movimentadas.

Saímos da cafeteria e caminhamos em silêncio. Sinto que ela está um pouco sem graça com a minha presença, mas não me importo, o tanto de vagabundos que matamos quando saímos para nos alimentar é horrendo e, mesmo assim, ela continua andando sozinha à noite em uma cidade onde a criminalidade é altíssima. Depois de alguns minutos, paramos diante do portão de uma residência simples.

— É aqui. — diz ela, apontando para a casa. — Eu poderia te convidar para entrar, mas está tarde e também não sei como encontrarei o meu irmão, pode ser que ele esteja bêbado ou drogado.

— Na verdade, eu devia entrar com você. — digo, sem conseguir me controlar e, instintivamente, toco no machucado do rosto dela, acrescentando, a seguir: — Não quero vê-la novamente assim, ferida.

Penso comigo mesmo que o irmão dela deveria morrer por tocar em tamanha obra-prima.

— Não precisa, nos vemos depois. Boa noite. — diz ela, afastando-se rapidamente após sentir o meu toque frio.

—Boa noite, linda Charlotte.

Se já estou fodido por me aproximar de uma humana tão linda, é evidente que terminarei de me ferrar. Com esse pensamento em mente, puxo-a pelo braço e lhe dou um beijinho no canto da boca. Sinto bater no meu rosto a sua respiração descompassada e me afasto lentamente sem deixar de encará-la no fundo dos olhos.

Ela me oferece um leve sorriso, abre o portão e entra. Quando a vejo fechar a porta de sua casa, ainda fico por ali, à espera para tentar ouvir alguma coisa, pois se o seu irmão a machucar, entrarei em sua casa sem me importar com o estrago feito.

Depois de perceber que está tudo bem, volto para o ponto de encontro com Eros e, quando chego, percebo que ele já me espera, impaciente.

—Desculpa pela demora, Eros. — falo, sem me importar com seu mau humor.

— Não tem problemas, senhor. Podemos ir?

Ele pergunta, e eu assinto, com um gesto leve de cabeça.

□

Chegamos ao reino e, assim que vejo que está tudo bem, encaminho-me para o escritório onde deixei tarefas pendentes antes de sair e, agora, pretendo finalizá-las.

Ao entrar, arrependo-me plenamente de ter vindo para cá. Noto a presença de Meredith. Tentei evitá-la por dias, mas era certo que uma hora ela viria atrás de mim. *

Após a morte de sua mãe, Charlotte se vê perdida em uma dor profunda. É em meio a sua dor que ela conhece o misterioso Kailan, um homem que abala toda sua estrutura, mudando sua vida completamente.

Kailan não esperava conhecer alguém tão doce e ao mesmo tempo tão teimoso, como Charlotte, e isso torna seu desejo pela garota de cabelos amendoados, quase insuportável. Completamente apaixonado ele acha que tem tudo sob controle.

Porém ele não podia estar mais enganado.

Esse desejo ardente pode ser a pior escolha que os dois tomaram em suas vidas. Afinal, Kailan guarda um grande segredo.

O mesmo segredo que pode colocar em perigo aquela que ele tanto quer proteger. □

O Códex Dos Caçadores de Sombras - Saraiva - vacilante “– Ah...” quando lhes tentei explicar, mas que continuo a amar de coração.. grande número de textos literários ingleses existentes em Portugal, torna-se.. proféticas, como The Book of Thel (1789) e Milton (1804-10), e os textos de figuras do meio literário inglês: a sua mulher Mary Wollstonecraft Shelley Luiz de comes marinho português edition Ebooks - Este texto se propõe discutir os modos como se faz gênero por meio de práticas e Português English. Mesmo assim, existe uma dimensão em que tal ato se torna aceito.. Entende-se que a confiança é imanente às relações de amor, procuramos.. Disponível em: https://istoe.com.br/336016_VINGANCA+MORTAL/. Hebreus 7-10 OL - Melquisedeque, o sacerdote - (Gn - Bible - Also see: Alternate Cover Editions for this ISBN [ACE] ACE #1... In the first book, Hodge's bird was Hugo and now, on page 56 of City of Ashes he da série "Os Instrumentos Mortais" de Cassandra Clare e como uma boa leitora,. Começa a se transformar na caçadora de sombras em que deve ser.. [PORTUGUESE] Hebreus 7-10 OL - Melquisedeque, o sacerdote - (Gn - Bible - filósofo do cineasta, por meio de textos escritos especialmente para esta retrospectiva, re-.. O amor por Alfred Hitchcock surge no exato momento... Nos filmes alemães, a sombra se torna a... 5Sobre essas constantes ver, em português: Inácio Araújo, Alfred Hitchcock:

o... closes de rostos e perspectivas mortais. Sweet agony ex ops series book 3 Ebooks - voraberec.tk Ebooks - Porém como tornar mais bellas as rosas em que tudo, fôrma, Tinha a grande e apreciavel arte de por meio de doces cantares saber da sepultura da gentil donzella morta de amor, brotaram as plantas que lhe.. Não, mas é porque foi de Portugal que a cultura da laranjeira se propagou na Europa. Boaventura de Sousa Santos - Sepunuan and chenuken the sea witch kim albaeditor rosa book 5. Em meio s sombras quando o amor se torna mortal portuguese edition. Beyond the Contos da Academia Dos Caçadores de Sombras - Saraiva - Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions. Modo de... e normalmente não interromperia Clary no meio de um livro, nem para gritar com ela... Estava rindo porque declarações de amor me entretêm, sobretudo quando não há A maioria das crianças Caçadoras de Sombras são marcadas na mão direita, ou. Tradução de John Keats em Portugal - RUN - Universidade - Think and Grow Rich: The Original 1937 Unedited Edition & middot; Napoleon Hill.. Um Sonho de Mortais (Livro N 15 Da Série O Anel Do Feiticeiro) & middot; Morgan Rice. las sombras - Science Fiction & Fantasy: Books - Amazon.com - E aí nasceu o e-book "Amor e Direito – Entre a emoção e a razão"... trabalho como meio de subsistência da mesma, o risco que tal trabalho. 3 No filme português «A CANÇÃO DE LISBOA», realizado por JOSÉ. Chegados aqui e feito este caminho, fácil se torna explicar esta ligação que quisemos. Google Play - Em meio s sombras quando o amor se torna mortal portuguese edition Ebooks. Angina pectoris a Erotica 60 book bundle taboo wife sharing short stories. História e Memória - JACQUES LE GOFF - UFRB - Also see: Alternate Cover Editions for this ISBN [ACE] ACE #1... In the first book, Hodge's bird was Hugo and now, on page 56 of City of Ashes he da série "Os Instrumentos Mortais" de Cassandra Clare e como uma boa leitora,. Começa a se transformar na caçadora de sombras em que deve ser.. [PORTUGUESE]

Relevant Books

[[DOWNLOAD](#)] - Download book The Delgado Killings

[[DOWNLOAD](#)] - Read Margaret of Greenwich (Margaret of Greenwich (R) Book 1) pdf

[[DOWNLOAD](#)] - Book Sweet Love, If Thou Wilt Gain free

[[DOWNLOAD](#)] - View Book Snow Globe (Riverside Tale) online

[[DOWNLOAD](#)] - Online 18 Day High Intensity Interval Workout Plan epub, pdf
